

NOTA DE APOIO

Salvador, 15 de junho de 2021

O Grupo de Trabalho de Psicologia, Sexualidades e Identidades de Gênero, integrante da Comissão de Mulheres e Relações de Gênero do Conselho Regional de Psicologia 3ª Região, vem a público manifestar o seu apoio à Ariane Senna, perante o atual quadro de fragilidade em saúde, vivenciando uma situação grave diante da desassistência dos serviços públicos de saúde. Ariane Senna é a primeira mulher trans graduada em Psicologia na Bahia, conhecida ativista dos direitos das travestis e população trans na Bahia e no Brasil.

Em janeiro deste ano, Ariane recorreu a um procedimento de aplicação de silicone industrial, através das chamadas “bombadeiras” - que geralmente são as travestis mais velhas e que dominam a técnica de aplicação deste produto nos corpos, conhecido como ato de “bombar” ou “bombaço” -, em busca de adequação corporal, uma vez que há diversas barreiras para o acesso deste serviço através do SUS. Em decorrência desta intervenção, como ela relatou em diversos meios de comunicação, ela teve complicações de âmbito físico, psíquico e social. Ariane relata que passados estes quase seis meses da ocorrência, não houve qualquer auxílio por parte do Estado para reverter essa situação em prol do restabelecimento da sua saúde, principalmente pela ausência de retaguarda especializada para acolher satisfatoriamente casos como este. Ela cita que tem recorrido a diversos órgãos de saúde e de garantia de direitos, não obtendo êxito até este momento. A situação de Ariane retrata uma omissão estatal histórica, quando ainda não temos oferta de profissionais e serviços suficientemente preparadas/os para lidar com problemáticas específicas da população trans.

A ausência de políticas públicas eficientes reitera a transfobia no Brasil e a Psicologia se coloca na defesa da dignidade humana, sobretudo quando ela se encontra ameaçada,



como no caso de Ariane Senna. Como categoria profissional, vemos como extremamente necessária e urgente a manifestação de apoio à Ariane, que, depois de ter sido negligenciada por tantos equipamentos e encontrando-se sob alto risco relacionado à sua saúde, veio a público contar a sua história e pedir ajuda.

Ariane relata já ter acionado a Secretaria de Saúde do Estado da Bahia e ido a vários cirurgiões plásticos da cidade - públicos e particulares -, mas que, apesar de ter feito exames e se encontrar em uso de medicações para combater desconforto e dores por todo corpo, a situação não foi resolvida. O que ela precisa é da retirada completa do silicone industrial aplicado em seu corpo, para que possa voltar a viver com saúde e dignidade. Porém, o que Ariane Senna tem encontrado, infelizmente, é o despreparo de profissionais de saúde para lidar com sua situação e que, ao invés de prestarem acolhimento e suporte - como é de direito de qualquer cidadã, a tratam com julgamento e reforçam seu sofrimento ao criminalizarem sua decisão.

Infelizmente, este não é um caso isolado no país. Muitas mulheres trans e travestis recorrem ao uso de silicone industrial para conformação corporal às suas identidades de gênero e/ou ao desejo de se sentirem mais confortáveis com seus corpos e com sua autoimagem. Vale lembrar que vivemos dentro de uma sociedade que impõe um padrão estético para o corpo feminino e a busca constante por adequação tem potencial de gerar sofrimentos de diversas ordens, sobretudo psíquicas. O sentimento de inadequação corporal, embora não esteja presente em muitas experiências de transição, é imposta compulsoriamente por uma sociedade cisnormativa que adocece aquelas/es sujeitas/os desviantes da norma.

Segundo Ariane, *“quando falamos que a nossa expectativa de vida enquanto população trans e travesti é de apenas 35 anos de idade, não falamos apenas dos assassinatos, mas também das condições de saúde que não nos é dada”*. Neste sentido, é importante salientar a sua coragem em veicular publicamente a sua história - uma oportunidade escassa ou negada ainda a pessoas trans - para visibilizar uma questão que perpassa a vida de tantas outras que, em sua maioria, não se sentem confortáveis e nem seguras para falar sobre



isso. O julgamento moral e a criminalização social são alguns dos motivos que contribuem para esse silenciamento.

O que precisamos com urgência é o acesso à saúde verdadeiramente integral para a população trans e LGBTI em geral, uma vez que esta é uma questão de saúde pública. Assim, a garantia do acesso adequado, célere e seguro a intervenções estéticas, quando desejadas, configura-se enquanto uma possibilidade de diminuição da busca pelos procedimentos e materiais clandestinos de modificação corporal por parte da população trans.

O direito à vida é inalienável e essa garantia não existirá enquanto uma mulher trans ou travesti estiver correndo risco de vida diante da relatada desassistência em saúde. É por isso que nós, enquanto categoria profissional comprometida pública e institucionalmente contra qualquer tipo de preconceito, discriminação e desumanização, nos posicionamos em defesa de Ariane Senna e de todas as pessoas trans e travestis que diariamente sofrem por questões semelhantes e são, irresponsavelmente, culpabilizadas por uma opressão estruturante da nossa sociedade.